Conversa de Lixo

O manual empresarial de falsas soluções para a crise do plástico



As informações contidas neste documento foram obtidas a partir de fontes consideradas fiáveis e de boa fé, mas qualquer interpretação potencial deste relatório como uma alegação contra uma ou mais das empresas nele mencionadas seria enganosa e incorreta. Os autores não aceitam qualquer responsabilidade por qualquer perda direta ou consequente decorrente do uso deste documento ou do seu conteúdo.

Este relatório foi escrito e investigado pela Changing Markets Foundation em colaboração com investigadores independentes. Principais autores (em ordem alfabética): Alice Delemare Tangpuori, George Harding-Rolls, Nusa Urbancic e Ximena Purita Banegas Zallio.

Agradecemos a todos os nossos contribuidores e revisores.

Publicado em Setembro de 2020

Changing Markets FOUNDATION

www.changingmarkets.org
www.talking-trash.com

Design de Pietro Bruni - toshi.ltd
Imprimido em papel reciclado

Este relatório investiga as táticas da indústria face a uma crise de poluição por plástico sem precedentes e à crescente pressão pública para a resolver. Com base em pesquisas e investigações em mais de 15 países de cinco continentes, é revelado como, por detrás de um véu de iniciativas e compromissos atraentes, a indústria passou décadas a obstruir e a tentar enfraquecer soluções legislativas comprovadas.

Fizemos uma análise crítica dos compromissos voluntários dos maiores poluidores por plástico, examinámos as iniciativas coletivas mais significativas (algumas delas promovidas por governos e organizações não governamentais) e revelámos como as empresas ao longo da cadeia de distribuição do plástico atuam nos bastidores - da indústria petrolífera às marcas de consumo e distribuição.

Os nossos estudos de caso mostram que as iniciativas voluntárias não apenas falharam em conter a crise do plástico, mas também têm sido utilizadas pelas empresas como tática para atrasar e obstruir uma legislação progressista, enquanto distraem consumidores e governos com promessas vazias e falsas soluções.

Poluição de plástico na praia de Kuta, Bali, Indonésia
© Shutterstock

Sumário Executivo

A crise da poluição por plástico: o flagelo dos nossos ecossistemas e da nossa saúde

Raramente na história do movimento ambientalista um assunto tem originado tanta indignação, consciencialização, e apelos à mudança. Oceanos cheios de plástico e animais marinhos sufocados tornaram-se os símbolos dos danos causados ao mundo natural pelo nosso desperdício consumista. Mas, na verdade, remoinhos de lixo flutuante e baleias dadas à costa abarrotadas de sacos de plástico são somente as consequências mais visíveis desta poluição. Os plásticos não são apenas problemáticos quando mal geridos no fim do seu ciclo de vida. A produção de plástico virgem contribui significativamente para as alterações climáticas, gera emissões desde o



Aterro sanitário na Califórnia
© Les Stone

momento em que são retirados do solo como combustíveis fósseis e ao longo de todo o seu ciclo de vida – e, segundo as taxas de crescimento atuais, serão responsáveis pelo uso de até 10-15% de todo o nosso orçamento de carbono até 2050. O processamento, uso e eliminação de resíduos de plástico também têm consequências nefastas, com um leque de consequências para a saúde humana e planetária – seja por aditivos químicos nocivos ou através de microplásticos ingeridos por seres humanos, animais e plantas, com consequências ainda desconhecidas.

Como tal, entendemos agora a crise do plástico como uma crise climática, de biodiversidade, de saúde pública e de responsabilidade misturadas numa só. No entanto, independentemente da maior consciencialização, a produção de plástico está em forte crescimento – e espera-se que duplique até 2030 – e, apesar de todas as discussões sobre limpeza e reciclagem, os plásticos continuam a acabar nos nossos rios e oceanos. Face à ira pública, os verdadeiros responsáveis por encher o mundo de poluição de plástico – empresas de combustíveis fósseis, empresas de bens de consumo, produtores de embalagens e distribuidores – rapidamente se uniram para formar uma panóplia de iniciativas individuais e coletivas destinadas a resolver o problema. À superfície, parecem estar a promover soluções para a crise. Mas este estudo revela que, nos bastidores, estão a fazer todos os esforços para proteger os seus lucros e continuarem a inundar o mundo com bens de consumo e embalagens baratos e facilmente descartáveis.

Apropriar-se da crise de Covid-19 para se opor a legislação

Apesar da indústria ter passado anos a distrair, atrasar e obstruir legislação, no início de 2020 parecia que a maré de poluição de plásticos tinha começado a mudar, com governos da Europa à Africa a introduzirem leis que proíbem certos produtos de plástico de utilização única, implementando sistemas de depósitos e retorno de embalagens e obrigando os produtores a assumir a responsabilidade pelos seus resíduos. Isto seguiu-se à proibição da importação de resíduos de plástico pela China, em 2018, o que abalou a indústria mundial de gestão de resíduos. Com a crescente tomada de consciência de que a poluição por plástico é um problema mundial que necessita de soluções globais, governos de todo o mundo começaram também a apelar a um acordo global sobre a poluição por plástico. Ao mesmo tempo, cada vez mais pessoas em todo o mundo têm tentado reduzir a sua pegada plástica e o número de cidades a tornarem-se "zero waste" têm vindo a aumentar.

No entanto, desde o início da pandemia de Covid-19, os produtores de plásticos têm-se apoiado na crise de saúde pública e aproveitado o medo generalizado para pedir recuos na legislação ambiental. Embora os equipamentos de proteção individual, fundamentais para salvar vidas, representem só uma pequena parte da produção total de plástico, a indústria do plástico tomou partido da crise para defender o plástico de utilização única. Produziu estudos cientificamente duvidosos para lançar dúvidas sobre os artigos reutilizáveis e promoveu o retrocesso tanto nos sistemas de depósito e retorno de embalagens como na proibição de artigos de plástico de utilização única.



Este relatório mostra que não se trata de um oportunismo isolado. Trata-se, sim, da continuação do modelo seguido há décadas pela indústria do plástico, de enfraquecer e ofuscar ações válidas no âmbito da poluição por plástico. Numerosos exemplos recolhidos pela nossa investigação mostram que não podemos confiar nas empresas para solucionarem a situação. Ainda que digam que o estão a fazer, não acompanham as declarações com ações efetivas.

Uma chuva de iniciativas voluntárias

Analisámos compromissos voluntários adotados pelas dez maiores indústrias poluidoras por plástico – Coca-Cola, Colgate-Palmolive, Danone, Mars Incorporated, Mondelēz International, Nestlé, PesiCo, Perfetti Van Melle, Procter & Gamble e Unilever – com base nas duas auditorias de marcas mais recentes realizadas pela Break Free from Plastic. Avaliámos os compromissos voluntários com base no seu apoio a legislação progressista (por exemplo, apelando à recolha obrigatória de mais de 90% de embalagens de plástico); na ambição dos seus objetivos de redução de uso de plástico; nos seus compromissos de reutilização; na sua introdução de conteúdos reciclados; e na sua transparência e responsabilidade – incluindo se os seus compromissos são aplicados em todos os mercados em que operam. Também analisámos se as empresas asseguram que a redução de plástico de utilização única evita substituições indesejáveis por outros materiais de utilização única, e se os seus compromissos de aumento de reciclagem e de conteúdo reciclado assentam em falsas soluções, como a reciclagem química.

A nossa análise mostra que as empresas têm níveis de compromisso largamente díspares, que variam de quase nulo (Perfetti Van Melle e Mondelēz International) aos supostamente mais significativos (Unilever, Danone e Coca-Cola). Contudo, mesmo os compromissos mais ambiciosos não são proporcionais à severidade da crise da poluição por plásticos. A maioria dos compromissos apresentam sérios problemas de transparência e responsabilidade. As empresas não publicam dados independentemente verificados e ficam consistentemente aquém dos seus próprios objetivos. A Coca-Cola, por exemplo, estabeleceu em 1990 o objetivo de começar a vender refrigerantes em garrafas feitas com 25% de polietileno tereftalato reciclado (rPET) – mas três décadas depois, as suas garrafas ainda contêm apenas 10% de rPET. Em vez de implementar os seus compromissos, a Coca-Cola – o maior de todos os poluidores por plástico – deixa para trás um rasto de 30 anos de promessas não cumpridas, que vão desde metas de conteúdo reciclado não atingidas a compromissos não honrados em matéria de recuperação e introdução de materiais alternativos. Isto ilustra claramente que, por muito convincentes que soem os compromissos voluntários, a maioria das empresas encara-os como meras promessas de papel que são facilmente distorcidas, reformuladas ou ignoradas enquanto vão gerando publicidade favorável. Muitas empresas, como a Mars e a Mondelēz International, também parecem estar a apostar na reciclagem química ("avançada"), uma falsa solução com uma história de expectativas falhadas, mas também severas consequências ao nível de toxicidade e clima. Além disso, as empresas raramente aplicam as suas políticas e os seus compromissos de uma maneira consistente em todos os mercados em que operam. Muitas parecem ter um número reduzido mas bem divulgado, de iniciativas simbólicas em geografias específicas, mas carecem de abordagens coordenadas globais para reduzir a sua pegada de plástico total.

A situação com as iniciativas coletivas não é melhor. Analisámos mais de 50 iniciativas de relevo a nível nacional e internacional e concluímos que elas se focam maioritariamente na reciclabilidade de produtos e soluções em fim de ciclo, tal como iniciativas de limpeza e educação dos consumidores sobre reciclagem. Algumas destas iniciativas foram criadas pelas próprias empresas como, por exemplo, a Alliance to End Plastic Waste, à qual os seus membros atribuíram 1,5 mil milhões de dólares. Embora possa parecer uma quantia significativa, os

Círculo interminável: o rasto the falsas promessas deixado pela Coca-Cola

CONTEÚDO RECICLADO

- INCLUIR 25% DE CONTEÚDO DE PLÁSTICO RECICLADO (MERCADO DOS EUA) — DATA DO COMPROMISSO: 1990
- 10% DE CONTEÚDO RECICLADO EM RECIPIENTES DE BEBIDAS DE PLÁSTICO ATÉ AO FIM DE 2005 (MERCADO DOS EUA) — 2001
- 25% RPET ATÉ 2015 — 2008
- OBTER 25% DE PET DE MATERIAIS RECICLADOS OU RENOVÁVEIS ATÉ 2015 — 2009
- USAR PELO MENOS 50% DE MATERIAIS RECICLADOS EM EMBALAGENS ATÉ 2030 — 2018

PLÁSTICO DE ORIGEM BIOLÓGICA

- OBTER 20% DO TOTAL DE PET DE RPET E/OU PET DE MATERIAIS RENOVÁVEIS ATÉ 2020 — 2016
- PLANTBOTTLE A USAR 30% DE MATERIAIS À BASE DE PLANTAS PARA TODAS AS GARRAFAS PET VENDIDAS ATÉ 2020 — 2009

RECICLABILIDADE DE EMBALAGENS

- TORNAR EMBALAGENS 100% RECICLÁVEIS A NÍVEL GLOBAL ATÉ 2025 — 2018

RECUPERAÇÃO/RECOLHA

- RECUPERAR 50% DO EQUIVALENTE DAS GARRAFAS E LATAS VENDIDAS ANUALMENTE ATÉ 2015 — 2008
- ATINGIR UMA TAXA DE RECOLHA EQUIVALENTE A 75% DAS GARRAFAS E LATAS INTRODUZIDAS EM MERCADOS DESENVOLVIDOS ATÉ 2020 — 2015
- RECOLHER E RECICLAR UMA GARRAFA OU LATA POR CADA GARRAFA OU LATA VENDIDA ATÉ 2030 — 2018
- RECICLAR OU REUTILIZAR TODAS A GARRAFAS DE PLÁSTICO USADAS NO MERCADO NORTE-AMERICANO — 2007

1994

Promessa não cumprida.

2001

Nenhuma atualização em relação ao conteúdo rPET.

Objetivo reduzido para 10% e adiado até ao fim de 2005.

2005

Prazo não cumprido. Prolongado até 2006.

2006

Relatório de RSE da Coca-Cola menciona apenas 3,6% de rPET nos EUA. Não cumpriu o prazo e não atingiu nem metade do objetivo.

2007

2008

Não atingiu o objetivo de 10% de rPET a partir de 2006. Não apresentou informação sobre o conteúdo rPET atual.

Trouxe de volta um antigo compromisso que não tinha cumprido em 1990. Prolongou o prazo até 2015.

2009

2010

Mudou não só a linguagem mas o alcance do compromisso ao adicionar "material renovável".

2011

2012

2013

Comunica que 6% das embalagens vêm de materiais reciclados ou renováveis.

2014

Declara no relatório de sustentabilidade de 2014: "É improvável que alcancemos o nosso objetivo até 2015".

2015

Falhou na obtenção de 25% de plástico de materiais reciclados ou renováveis.

2016

Obter 20% do total de PET de rPET e/ou PET de materiais renováveis até 2020. Reduziu um compromisso de 2009 não cumprido de 25% para 20%.

2017

2018

Falhou na obtenção de 25% de plástico PET de materiais reciclados ou renováveis.

2019

Reformulado para incluir todas as embalagens de bebidas (incluindo embalagens de cartão, caixas e saquetas para sumos, etc).

2020

Atingiu 20% de materiais reciclados em embalagens a nível global.

2025

2030

Adicionou "material renovável" ao seu compromisso sobre materiais reciclados.

Introduziu a PlantBottle, com 22,5% de material à base de plantas. Em 2009 a PlantBottle tinha 30% de material à base de plantas.

Introduziu a primeira garrafa PET inteiramente reciclável feita 100% à base de plantas.

Contudo, não há informação sobre a % de garrafas abrangidas.

Comercializou a PlantBottle com falta de claridade sobre a % de vendas ou % de garrafas abrangidas.

Comunica 10% de conteúdo reciclado em embalagens de plástico PET.

Nenhuma atualização adicional sobre o progresso feito.

Atingiu 88% de embalagens recicláveis a nível global, mas só onde existe infraestrutura de reciclagem.

Falhou o objetivo de 2010 de recuperar e reciclar 50%, atingido apenas 48% das garrafas e latas postas no mercado.

Ausência de data para atingir este objetivo, e não é um compromisso global que abranja todos os mercados.

Nenhuma informação sobre as taxas de recuperação atuais. Falta de clareza sobre como os dados são calculados.

Recuperação de apenas 36% do equivalente das garrafas e latas vendidas.

Falta de claridade sobre como estes dados são calculados.

Reutilizou ou ajudou a recuperar e reciclar o equivalente a aproximadamente 59% das garrafas e latas introduzidas no mercado. Números ainda mais reduzidos do que no ano anterior.

Reformulou o objetivo ao alargar o âmbito de aplicação pela inclusão de garrafas reutilizáveis. O relatório de 2016 menciona uma taxa de recuperação de 59,3% (em comparação com 61% em 2014).

Em 2018, 58% das embalagens foram recolhidas - uma diminuição em relação a anos anteriores (2014-2017), quando foi de 61%.

Desenvolveu um novo método de cálculo para todos os tipos de embalagens de produtos do consumidor.

A percentagem de garrafas e latas reutilizadas ou recuperadas equivalente às que foram introduzidas no mercado atingiu 60%. Métrica alargada a todos os tipos de embalagens.

Mudou o método de cálculo da taxa de recolha de embalagens. Alargamento do indicador para incluir todos os tipos de embalagens.

CONTABILIDADE CREATIVA · PROMESSA ADIADA · PROMESSA NÃO CUMPRIDA · PROMESSA CUMPRIDA · FALSA PROMESSA · PROMESSA FEITA



© Les Stone

membros da Alliance investiram 186 mil milhões de dólares em novas instalações petroquímicas entre 2010 e 2017, e continuam a investir quantias consideráveis em nova capacidade de produção de plásticos. Outras foram lideradas por governos (como o European Plastics Pact) ou organizações não governamentais (como o New Plastics Economy Global Commitment da Ellen MacArthur Foundation - EMF). Os requisitos de entrada nestas iniciativas são surpreendentemente baixos. Em alguns casos, nem os requisitos mais básicos, como declarar uma pegada de plástico total ou comprometer-se com metas significativas, são exigidos dos subscritores. Enquanto a New Plastics Economy é uma das iniciativas recentes mais proeminentes e com maior visibilidade, com mais de 450 organizações a comprometerem-se com objetivos até 2025, os seus compromissos não só não vão suficientemente longe como também carecem de responsabilização. Apesar da EMF publicar relatórios de progresso anuais, não há uma imposição de consequências por não cumprimento dos objetivos, e os participantes não são classificados por desempenho ou penalizados por falta de cumprimento, neutralizando qualquer potencial responsabilização ou estímulo para melhorar.

Esta proliferação de iniciativas voluntárias em nada contribuiu para reduzir a quantidade de plástico nos oceanos. Na melhor das hipóteses, ao conferir credibilidade aos piores poluidores sem atribuição de responsabilidade ou fiscalização, estas alianças estão a contribuir para uma ilusão de sustentabilidade atrás da qual os produtores de plásticos e as marcas de consumo podem continuar a encher o mundo de plásticos sem represálias. Na pior das hipóteses, estes grupos são cúmplices em retardar e atacar uma ação legislativa verdadeiramente transformadora. Com efeito, a nossa pesquisa encontrou uma incrível sobreposição entre a filiação em iniciativas que são supostas tentar solucionar a poluição por plástico e associações empresariais e grupos de lobby que trabalham para enfraquecer legislação mais ambiciosa. Dada a existência desta frente unida e bem conectada, não é surpreendente que nenhuma das empresas ou iniciativas coletivas analisadas estejam a apelar a legislação ambiciosa ou à recolha obrigatória, reutilização e reciclagem efetiva, que são todas soluções comprovadas para a crise do plástico. Enquanto que as empresas com atividade na União Europeia (UE) são agora obrigadas a cumprir a Diretiva da UE relativa ao Plástico de utilização única (SUP), os nossos estudos de caso revelam que continuam a trabalhar através de uma rede de organizações e associações empresariais para diluir e atrasar a sua implementação.

Táticas de distração, atraso e descarrilamento

Desviar a atenção de medidas obrigatórias através de compromissos voluntários bem divulgados é apenas uma tática no manual de falsas soluções para a crise do plástico. Classificamos estas táticas em três categorias principais: atrasar, distrair e descarrilar.

As táticas de adiamento da indústria incluem lobbying para atrasar legislação desfavorável, proteger o status quo e permanecer favoravelmente posicionado face a novas oportunidades para influenciar ou enfraquecer legislação. Adiar também se traduz na arte subtil de convencer os legisladores de que normas obrigatórias não são necessárias, via compromissos voluntários sonantes, retendo ou deturpando dados para mascarar a seriedade do problema, apelando a atrasos na implementação ou adicionando condicionalidades a legislação, dando às empresas mais tempo para prosseguir nos mesmos moldes ou procurar outras lacunas.

Táticas de atraso andam de mãos dadas com uma campanha de distração. Durante muitos anos, isto tem-se centrado em deturpar quem é, fundamentalmente, responsável pela crise do plástico. Campanhas prolongadas de falsas organizações ambientais (como a Keep America Beautiful) e marcas de consumidores (como a Coca-Cola) mantiveram a culpa firmemente do lado dos consumidores - ou "litterbugs" - desviando a atenção da verdadeira responsabilidade dos produtores de plástico nesta crise. Outras táticas de distração incluem centrar-se em soluções SOS como limpezas de praia ou produtos feitos de plástico marinho; promoção da reciclagem sem recolha obrigatória; alegar que os produtos de plástico são mais recicláveis do que realmente são; promover a utilização de outras alternativas de utilização única, tais como plásticos de base biológica, biodegradáveis ou compostáveis; promover soluções tecnológicas milagrosas, como a reciclagem química; o financiamento de estudos concebidos para apoiar o seu ponto de vista; e a promoção generalizada de "green credentials" aos consumidores, através de campanhas mediáticas e publicitárias bem financiadas.

Por fim, os grandes produtores de plástico estão permanentemente à procura de oportunidades para descarrilar a legislação emergente. Muitas marcas de consumo e outras empresas da cadeia de distribuição dos plásticos têm lobbyistas influenciando governos em todo o mundo. Os seus interesses são também indiretamente representados através de numerosas associações industriais e outras organizações estabelecidas ou financiadas para influenciar o processo político. Em alguns casos, chegam a criar falsos grupos ambientais, ou financiam grupos existentes como porta-vozes. As táticas identificadas incluem promover leis preventivas para evitar futuras proibições de produtos plásticos, procurar isenções às leis propostas para produtos que aleguem ter melhores credenciais de sustentabilidade, desafiar a legalidade da implementação, enfraquecer a aplicação, e até direcionar a legislação para caminhos errados, promovendo medidas que não abordam o problema de raiz.

REDE DE INICIATIVAS DAS EMPRESAS

△ ORGANIZAÇÃO GLOBAL | ○ ORGANIZAÇÃO DOS EUA | ◇ ORGANIZAÇÃO DO REINO UNIDO | ⬠ ORGANIZAÇÃO DA UE | ? FALTA DE TRANSPARÊNCIA SOBRE MEMBROS

INICIATIVAS VOLUNTÁRIAS PARA COMBATER A POLUIÇÃO POR PLÁSTICO

INVESTIDORES

ASSOCIAÇÕES EMPRESARIAIS QUE FAZEM LOBBYING CONTRA LEGISLAÇÃO

MEMBROS

PRODUTORES DE BENS DE GRANDE CONSUMO

- Coca-Cola
- Colgate-Palmolive
- Danone
- Mars
- Mondelēz International
- Nestlé
- PepsiCo
- Perfetti Van Melle
- P&G
- Johnson & Johnson
- Tetra Pak
- Starbucks
- Unilever
- Keurig Dr Pepper

PRODUTORES DE PLÁSTICO

- ExxonMobil
- Novolex
- Shell
- Dart
- Dow
- BASF
- DuPont
- Total
- Chevron
- LyondellBasell
- 3M
- Alpla

INICIATIVAS

- Keep America Beautiful
- The Recycling Partnership
- Trash Free Seas Alliance
- Ocean Conservancy
- Circulate Capital
- New Plastics Economy
- World Plastics Council

SAIU EM 2019

SAIU EM 2019

SAIU EM 2019

Pondo as táticas em prática

Abrangendo 15 países e regiões de cinco continentes, e envolvendo jornalistas de investigação, investigadores e especialistas de todo o mundo, o nosso estudo revela como esses truques e táticas são usados no terreno para impedir que uma legislação progressista se instale. Este relatório baseia-se em revisões bibliográficas, entrevistas, pedidos de liberdade de informação e investigações no terreno. O quadro que emerge mostra uma rede bem organizada de organizações que fazem lobby em todos os níveis, mobilizando-se contra a menor tentativa de restringir, ou regular de outra forma, a produção de plástico. Revela também a hipocrisia das grandes empresas multinacionais, como a Coca-Cola, que recentemente proclamou o apoio a alguma legislação na UE, mas continua a fazer pressão contra ela em África, na China e nos Estados Unidos.

Principais conclusões dos estudos de caso

- Nos **Estados Unidos**, revelamos como a indústria conseguiu transferir o ónus e a responsabilidade da poluição por plástico das empresas para os consumidores e entidades públicas, enquanto promovem a reciclagem como desculpa conveniente para produzir ainda mais plástico. Vemos como falsos grupos ambientais e números crescentes de iniciativas voluntárias são usadas para desviar responsabilidades, enquanto legislações como a proibição de sacos de plástico e a regulamentação de embalagens têm sido, durante anos, fortemente combatidas.

- Na **Europa**, investigamos os esforços da indústria ao nível da União Europeia para enfraquecer e atrasar a Estratégia da UE para os Plásticos e a Diretiva SUP da UE. Também olhamos em detalhe para alguns estudos de caso na Europa, incluindo as tentativas da Coca-Cola de eliminar sistemas de retorno de depósitos na **Escócia**; esforços de distribuidores, produtores de bebidas e organizações de responsabilidade dos produtores para pôr em causa sistemas de retorno de depósitos (DRS) na **Áustria**, **Espanha** e **República Checa**; e uma oportunidade perdida na **França**, onde objetivos de reutilização foram introduzidos sem a existência de sistemas susceptíveis de os realizar em grande escala.

- Na **Ásia**, analisámos a **China** e o **Japão**. O primeiro abalou o mundo dos resíduos em 2018 ao proibir as importações de resíduos de plástico, e é dado a grandes revoluções regulamentares. Isto é contrastado por uma ação limitada por parte das empresas, com o único foco em limpezas e uma série de compromissos de mudança para alternativas biodegradáveis e compostáveis. No Japão, apesar do elevado nível de envolvimento dos cidadãos na recolha separada, há pouca consciência de que a maioria dos resíduos é, na realidade, incinerado ou exportado. Além-fronteiras, o governo está também a promover tecnologias de incineração problemáticas e plásticos de base biológica, biodegradáveis e compostáveis como parte das suas "soluções" de ajuda externa.

- Olhámos também para o **Uruguai**, onde vemos mais lobby da indústria, e para a **Bolívia**, onde testemunhamos a sua reação impulsiva da industria face a uma ambiciosa proibição de plásticos. Finalmente, no **Quénia**, encontramos um país sufocado por resíduos de plástico descartados por empresas que procuram crescer em África. Vemos como a Coca-Cola - apesar da sua recente reviravolta e apoio a sistemas de retorno de depósito na Europa - ainda usa os antigos truques na luta contra o DRS no Quénia.

Não há mais tempo a perder!

À medida que as organizações não governamentais e os jornalistas têm aprofundado as suas investigações e exposto os seus truques, as grandes empresas - e a rede de organizações por elas apoiada - tornaram-se cada vez mais sofisticadas no seu jogo de engano. Escondem-se atrás de compromissos atraentes e colocam recursos aparentemente significativos em procurar soluções - mas, como este relatório mostra, isso não passa de uma ilusão. A grande maioria dos seus compromissos centram-se na reciclabilidade e reciclagem, mas lutam contra soluções comprovadas que as facilitem. Muitos materiais - não apenas o plástico - podem ser reciclados (e reutilizados), e a indústria poderia adotar esses tipos de embalagens, em combinação com sistemas de depósito que permitissem aos consumidores devolvê-los. Em vez de abraçar essas soluções, a indústria aumentou a quantidade de plásticos flexíveis e multicamadas baratos (como wraps e bolsas) que são impossíveis de reciclar, e recentemente começou a promover a reciclagem química, uma técnica não comprovada e prejudicial, como uma "solução". Quando a reciclagem química inevitavelmente falhar, o mundo terá perdido várias décadas de progresso potencial na luta contra a poluição por plásticos.

As conclusões deste relatório são, sem dúvida, apenas a ponta do iceberg. No entanto, elas mostram como a indústria funciona - mobilizando-se rapidamente para parar qualquer tentativa de regular ou restringir o uso de plásticos, fazendo lobbying contra legislação, apostando no "greenwashing" através de compromissos que se concentram em soluções de fim de ciclo de vida, e transferindo a responsabilidade para os consumidores.

Os nossos oceanos e rios cheios de plástico testemunham o fracasso categórico de anos de abordagens voluntárias e mostram a necessidade urgente de introduzir legislação robusta e mecanismos obrigatórios para retrair a maré da poluição por plástico. A recolha obrigatória, em combinação com metas de conteúdo reciclado, é um método comprovado para reduzir a poluição por plásticos e a produção de plástico virgem e incentivar a reformulação do produto. Os sistemas de retorno de depósitos são uma particular história de sucesso, e são uma boa maneira de ajudar os países a embarcar por um caminho de maior reutilização e circularidade. Até que as empresas façam face às suas reponsabilidades, apelem à recolha obrigatória e à responsabilidade dos produtores, parem de atrasar e descarrilar legislação e parem de escusar-se da sua responsabilidade pela crise dos plásticos, elas continuarão a ter uma conversa de lixo.



Pessoas fazem fila para devolver as suas embalagens de bebidas num centro de reciclagem na Califórnia

© Les Stone

Recomendações

Para os decisores políticos

Este relatório mostra que iniciativas e compromissos voluntários por parte da indústria não são eficazes. Por esta razão, os decisores políticos devem adotar legislação progressista, baseada nos seguintes elementos-chave:

Recolha separada

- Introduzir legislação tornando obrigatório um mínimo de 90% de recolha separada de resíduos de plástico (enquanto que sistemas para garrafas de plástico e outros recipientes de bebidas já estão bem estabelecidos, isto deve ir além disso e abranger outros tipos de plástico), e reconhecer que sistemas obrigatórios de devolução de depósitos são a única forma provada e eficaz de alcançar níveis elevados de recolha e redução de detritos.

Política de reutilização

- Introduzir objetivos de reutilização e outros mecanismos de apoio (como depósitos diferenciados para artigos reutilizáveis), integrados desde o início em políticas - e, ao fazê-lo, reconhecer que os plásticos e outros materiais não podem ser reutilizados em grande escala sem um mínimo de 90% de recolha obrigatória e sistemas de retorno de depósitos.

Conteúdo reciclado

- Implementar objetivos mínimos de conteúdo reciclado na produção de embalagens e recipientes, num mínimo de 50% para recipientes de bebidas e 30% para outros artigos, como ponto de partida. Isto cria um mercado para a reciclagem eficaz do plástico e mantém o plástico num círculo fechado sem levar ao downcycling do material.

- Abordar a questão dos produtos químicos perigosos e assegurar que as empresas concebem produtos que possam ser reciclados num ciclo fechado saudável. Por exemplo, ao nível da União Europeia, acabar com isenções para produtos químicos em materiais reciclados e regulamentar grupos

de produtos químicos (em vez de produtos químicos individuais), a fim de evitar substituições desaconselháveis.

Imposto sobre o plástico virgem

- Introduzir um imposto sobre o plástico virgem que incentive o uso de plástico reciclado. Isto deve ser acompanhado por uma posição clara sobre o uso de materiais alternativos, como o plástico de base biológica, biodegradável e compostável, com fundamentações para o que é ou não um bom uso para estes materiais.

Proibir materiais e produtos químicos nocivos

- Proibir o uso de materiais plásticos desnecessários ou nocivos, tais como PVC e poliestireno, bem como de produtos de utilização única, que acabam frequentemente como detritos no ambiente e nos oceanos.

- Proibir produtos químicos tóxicos em todos os produtos, tanto em materiais reciclados como virgens.

- Dar prioridade a alternativas reutilizáveis e agir para evitar substituições desaconselháveis – por exemplo, substituindo o plástico de utilização única por outros materiais de utilização única, como plástico de base biológica, biodegradável ou compostável – os quais não resolvem problemas de poluição e podem levar a outros problemas ambientais.

Responsabilidade alargada do produtor

- Introduzir esquemas de Responsabilidade Alargada do Produtor bem concebidos, com taxas modeladas, o princípio do poluidor-pagador e objetivos de redução, e incluir financiamento a alternativas à utilização única.

- No entanto, este relatório também mostra que muitas organizações de recuperação de embalagens na UE (ARA na Áustria, Ecoembes na Espanha, etc) estão a ser abusadas para fazer pressão contra legislação progressista, defendendo os interesses dos produtores de plástico e grande distribuição. Se for este o caso, os governos devem adotar as reformas necessárias para lhe fazer face.

Cidades Zero Waste

- Apoiar a abordagem das cidades Zero Waste através da criação e implementação de sistemas para eliminação progressiva dos resíduos – não através de incineração, da deposição em aterros ou da sua exportação mas, em primeiro lugar, por não gerar resíduos.

Ação a nível mundial

- Estabelecer um comité de negociação intergovernamental na Assembleia das Nações Unidas para o Meio Ambiente para negociar um acordo global específico – uma Convenção sobre a Poluição por Plástico – que elimine as descargas de plásticos no ambiente ao mesmo tempo que promove uma economia circular segura para os plásticos, que aborde todo o seu ciclo de vida desde a produção e design até à prevenção e gestão de resíduos.



As enormes ramificações ambientais e para a saúde humana das lixeiras lotadas no Quénia, com queima de resíduos a céu aberto

© Clean-Up Kenya

Incluir as comunidades afetadas

- Quando nova legislação é desenvolvida em países com setores informais de recolha de resíduos, é importante que ela seja contextualizada e inclua as comunidades de recolhedores de lixo no seu desenvolvimento.

Para as empresas

Apoiar legislação

- Assegurar que os compromissos adotados sejam mais ambiciosos do que a legislação existente ou proposta para fazer face à poluição por plástico.

- Apoiar publicamente e apelar a uma legislação progressista para fazer face à crise do plástico, incentivar os seus pares a fazer o mesmo e abandonar quaisquer iniciativas da indústria que se oponham, atrasem ou prejudiquem legislação progressista, incluindo a sua implementação.

Transparência

- Ser transparente sobre a pegada plástica total das empresas (incluindo produtos e embalagens), e sobre o progresso feito em direção aos objetivos sobre o uso de plásticos, estabelecendo uma abordagem holística que desencoraje a sinalização de virtude com gestos simbólicos (por exemplo, produtos de plástico oceânico).

- Assegurar que os relatórios de progresso incluem as realizações em todos os mercados e marcas e são baseados em dados verificados independentemente.

Redução

- Comprometer-se com medidas substanciais que levem a uma redução significativa no uso de plásticos e outros materiais de utilização simples. Estas medidas devem ser específicas, mensuráveis, temporais e verificadas independentemente, e devem incluir o apoio à reutilização, reformulação de produtos e reciclagem efetiva.

- Garantir a transparência na apresentação de relatórios de progresso sobre o número de unidades.

Clareza em matéria de materiais alternativos

- Delinear posições claras sobre o uso de materiais alternativos como plástico de base biológica, biodegradável e compostável, com substanciação para o que é ou não um bom uso destes materiais, incluindo critérios claros de sustentabilidade que previnam a deflorestação ou a concorrência com culturas alimentares.

- Assegurar que esses produtos sejam comercializados apenas em mercados com infraestruturas de gestão de resíduos adequadas para o seu tratamento.

Abrangência a nível de mercados

- Assegurar que os compromissos são assumidos de forma consistente em todos os mercados onde a empresa (e as suas subsidiárias) operam, isto é, assegurar que não há contradição entre as ações de uma empresa no âmbito da poluição por plástico de um mercado para o outro.

Compromissos voluntários sólidos

- Assegurar que quaisquer iniciativas voluntárias adotadast pelas empresas aderem às orientações constantes da Caixa 2.2 (Capítulo 2) sobre boas iniciativas voluntárias.

Para os consumidores

Não é fácil resolver este problema enquanto consumidor. O facto de que as empresas mantêm o controlo sobre as suas embalagens torna incrivelmente difícil optar por soluções ou modelos de negócio livres de plástico. Um passo importante para determinar onde reside a verdadeira responsabilidade é reconhecer que, em certa medida, só podemos agir de forma tão sustentável como o sistema nos permite. Acreditamos firmemente que a redução dos plásticos não deve ser apenas da responsabilidade do consumidor, mas sim parte de uma mudança sistémica que é liderada por legisladores e implementada pelas empresas. Por essa razão, incentivamos todos os indivíduos a fazerem-se ouvir na defesa de legislação, responsabilizando as corporações e amplificando as vozes daqueles que lutam pela mudança.

Esperamos que este relatório ajude as pessoas a identificar a hipocrisia no comportamento das empresas e a reconhecer quando elas estão a tentar atrasar, distrair e descarrilar o progresso na luta contra a crise. Ações individuais ajudam a enviar um sinal - tanto para as corporações quanto para os governos - de que há um desejo e uma necessidade urgente de mudança. Nessa medida, se quiser ser um agente da mudança enquanto indivíduo, aqui estão algumas recomendações sobre como reduzir sua pegada plástica:

https://www.breakfreefromplastic.org/campaigns/goingforzerowaste/



Compra a granel na 'Harm Less Store' em Hornsey, Reino Unido

© David Mirzoeff

Conversa de Lixo: O manual empresarial de falsas soluções para a crise do plástico


Changing Markets
FOUNDATION
www.talking-trash.com